



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17506 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 16 - Educação e Comunicação

Sobre processos de estudo em ambientes não-escolares: discussões sobre autoridade escolar e autoridade tecnológica

Leonardo Henrique Brandão Monteiro - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - FACULDADE DE CIÊNCIAS - CAMPUS DE BAURU

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

SOBRE PROCESSOS DE ESTUDO EM AMBIENTES NÃO-ESCOLARES: DISCUSSÕES SOBRE AUTORIDADE ESCOLAR E AUTORIDADE TECNOLÓGICA

Este trabalho se situa entre a defesa de uma tese e um estágio de pós-doutorado. O enfoque da pesquisa são momentos nos quais estudantes, fora do ambiente escolar, realizam práticas de estudo no intento de apreender, inscrever nos seus corpos, conhecimentos tradicionalmente atrelados a instituição escolar – ressalta-se estudar e aprender não são a mesma coisa (Willatt; Buck, 2023).

Desde o século XX forças parecem deslocar a legitimidade (Spencer, 1970; Weber, 2003) da escola, ao que tange ser o referencial para o aprendizado de conhecimentos, para objetos conhecidos como tecnologias da informação. Estes objetos, muitas vezes, centralizam debates e polêmicas, como leis divergentes que foram promulgadas nos locais de realização da pesquisa.

Estes movimentos legislativos, de certo modo, refletem discussões existentes no campo da educação que questionam se o uso de dispositivos digitais auxilia a aprendizagem, ou se tais dispositivos seriam meras distrações. Esta pesquisa se insere neste campo, mas a partir de uma abordagem que lhe confere especificidade. Pois, o conceito de autoridade escolar – derivado da ideia de autoridade pedagógica (Adorno, 2002), mas pensado de maneira a englobar outras relações do espaço escolar (AUTOR) - é tensionado com o conceito

de autoridade tecnológica – considerando um cenário social que envolve todos os participantes da pesquisa e os modos como estas autoridades são corporificadas.

A questão que norteia a pesquisa pode ser dividida em três momentos: os processos de estudo discentes, fora da escola, demonstrariam a filiação destes a uma autoridade escolar, a uma autoridade tecnológica, ou a nenhuma das duas? Podemos identificar os momentos em que estas filiações acontecem? Em quais momentos estas autoridades são antagônicas e em quais momentos convivem, ou, até mesmo, se sobrepõem?

Mobilizamos esforços teóricos e empíricos a fim de responder tais questionamentos. Sublinhamos, neste momento, a importância dos conceitos de articulação (Jameson, 1993) e de ação corporificada (Ingold, 2010; Varela; Thompson; Rosch, 2016). O conceito de articulação descreve fenômenos efêmeros, transformadores e dinâmicos, e pode ser sintetizado, neste escrito, na ideia de uma troca metafórica assimétrica de íons entre entidades. De modo que ele permite compreender as relações de forças que compõem as dinâmicas que envolvem a corporificação de uma autoridade ou de outra. Por sua vez, o conceito de ação corporificada traz consigo dimensões vitais à discussão realizada. A partir dele traçamos linhas de compreensão sobre as reverberações de uma autoridade tecnológica ou de uma autoridade escolar ao que concerne os momentos de estudo dos interlocutores fora de ambientes escolares.

A fim de compreender como estas autoridades se apresentam no tecido social, foram selecionadas três habilidades conectadas a um modelo escolar tradicional. São elas a memória, a atenção e a disciplina corporal. Cabe destacar a contextualidade social documentada de habilidades cognitivas (Wang, 2021) e a centralidade da disciplina corporal para a formatação da escola como conhecemos (Foucault, 1987) e até das nossas ideias do que seria estudar (Willatt; Buck, 2023). Dispostos a caracterizar a corporificação destas habilidades, estabelecemos uma metodologia baseada em dois momentos. Primeiramente foi elaborado um questionário com questões de caracterização de nossos interlocutores e questões em escala Likert. Os questionários, além de dados valiosos, forneceram a base para a elaboração dos roteiros das entrevistas semiestruturadas e viabilizaram a condução destas a partir da perspectiva da entrevista explicitativa (Vermersch, 2018).

Fundamentados nestes instrumentos pudemos comparar como utilizavam, ou não, dispositivos digitais em seus momentos de estudo fora de ambientes institucionalizados, estudantes de uma universidade federal paulista e discentes de uma universidade estadunidense. A partir da oposição de duas configurações social e geograficamente distantes, percebemos algumas especificidades locais, bem como, algumas dinâmicas, potencialmente, globais. Nesta nova etapa da pesquisa serão comparados dados advindos de outras duas universidades californianas que não foram utilizados durante a pesquisa doutoral - o intuito era o de manter certa simetria comparativa – com dados de duas universidades paulistas, a serem coletados.

Entre as conclusões preliminares, destacamos que a autoridade escolar e a autoridade tecnológica moduladas pelas configurações que as englobam não se apresentam como excludentes. Elas, constantemente, coexistem, se sobrepõem, ou se complementam. O peso que cada uma recebe nas corporificações discentes analisadas e os modos como são acionadas são muito próprias. A variabilidade aparente de tais dinâmicas permite uma estudante apenas recorrer ao digital como suplemento ao material fornecido pela escola. Concomitantemente, para outras pessoas propicia uma imersão (quase) total ao estudo através do digital, muitas vezes, confundido com o consumo de produtos audiovisuais. Nestes casos, no digital, os alunos buscam materiais que combinem com o seu “estilo” de aprendizado (Usher, 2013). Até mesmo quando estudantes parecem apresentar uma solução “criativa” à falta de recursos financeiros para preencher lacunas de aprendizado de uma escolarização deficitária, esta solução está colonizada de antemão pelo mercado, ou seja, a solução “criativa” se torna o consumo de conhecimentos escolarizados por vias não-escolares.

Preliminarmente, identificamos duas forças sociais que parecem dirigir as trocas metafóricas de íons entre entidades – articulações. Uma concerne a configurações de sistemas de educação que parecem empurrar os estudantes em direção ao digital. Enquanto a outra resulta de dinâmicas sociais que envolvem todos os atores sociais que fizeram parte desta pesquisa, e que tende a formatar as pessoas enquanto consumidoras, dentro de uma cultura, na qual quase tudo é produzido com intenção de lucro, inclusive, materiais que se destinam a permitir que as novas gerações acessem o conhecimento acumulado de suas sociedades. Estas duas forças, legitimam o aprender pelo digital e sutilmente impelem os estudantes a seu uso, de modo a exercer certa governamentalidade (Foucault, 2015) sobre os seres humanos que desejem, ou que são compulsoriamente levados a estudar conteúdos escolares.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6–25, 2010.

JAMESON, Fredric. On “Cultural Studies”. **Social Text**, Durham, v. 34, p. 17–52, 1993.

SPENCER, Martin E. Weber on Legitimate Norms and Authority. **The British Journal of Sociology**, [Online], v. 21, n. 2, p. 123, 1970.

USHER, Robin. Experiência, pedagogia e práticas sociais. In: ILLERIS, Knud (org.). **Teorias Contemporâneas da Aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 199–216.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **The Embodied Mind: Cognitive Science and Human Experience**. Revised Eded. Cambridge, Massachusetts/London, England: The MIT Press, 2016.

VERMERSCH, Pierre. **The Explicitation Interview**. [S. l.]: ESF, 2018.

WANG, Qi. The Cultural Foundation of Human Memory. **Annual Review of Psychology**, [Online], v. 72, p. 151–179, 2021.

WEBER, Max. **Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 2003.

WILLATT, Carlos; BUCK, Marc Fabian. Estudiar en la era digital: Un ensayo crítico y fenomenológico. **Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria**, Salamanca, v. 35, n. 1, p. 123–141, 2023.

Palavras-chave: Autoridade escolar; autoridade tecnológica; atividades de estudo.